Editorial

O acesso fácil à informação: a curiosidade dos pacientes e a responsabilidade dos médicos

O modo como as pessoas atualizam os seus conhecimentos e trocam informações mudou de maneira considerável com a Internet. A profusão de informações sobre assuntos de saúde atualmente disponível para o público leigo pode auxiliar, mas pode também tornar mais frágil a relação dos médicos com seus pacientes. Precisamos estar preparados para os questionamentos cada vez mais complexos dos nossos pacientes e, por outro lado, reconhecer que os clientes têm o direito de perguntar, de pedir explicações. O fácil acesso às mais variadas informações modificou, conseqüentemente, o modo como os profissionais e os pacientes interagem. O maior nível de conhecimento dos pacientes permite, cada vez mais, a participação no processo de tomada de decisões a respeito de suas doenças. São muitos os endereços, *sites*, portais, que, com a maior facilidade, podem ser acessados, pelo público leigo, e em diversos idiomas. Por exemplo, *http://www.lasalud.com* é gratuita, em espanhol, e seleciona, por especialidade, as mais recentes novidades médicas. Encontra-se de tudo: procedimentos, lançamento dos *últimos* remédios e dos métodos diagnósticos, etc. Baseia-se em mais de 6.000.000 de conexões. E não é a maior. Mas qual o real impacto disso na relação médico-paciente? E no comportamento dos doentes? Os efeitos serão sempre positivos? Nesse sentido é importante relatar que a comunidade científica européia está alerta e, recentemente, numa iniciativa muito oportuna, criou o MedCIRCLE, que busca mecanismos para identificar as informações médicas confiáveis na Internet. O *site* que merece ser visitado é: *www.medcircle.org.* Assim, "navegar – na Internet – é preciso", mas com conveniente orientação.

Em artigo do JAMA, de maio de 2002, a pesquisadora Lisa Schwartz apresentou dados interessantes de uma avaliação de 147 pesquisas divulgadas em importantes encontros médicos. Cerca de 25% das pesquisas foram, então, noticiadas em jornais de grande circulação e com importante destaque. Três anos depois apenas a metade dessas pesquisas havia sido publicada em revistas médicas de bom nível. "Muitos daqueles projetos não sobreviveram às primeiras promessas", os resultados foram anunciados antes da hora. Repórteres mal orientados e pesquisadores excessivamente entusiasmados com a fácil divulgação encorajaram, talvez, "falsas esperanças e a procura por tratamentos e/ou procedimentos inúteis ou até mesmo prejudiciais''.

Estamos a poucas semanas do nosso encontro maior: o Congresso AMRIGS – o Congresso da Integração –, onde são apresentados os resultados da Produção Científica do Estado na área da Saúde. Da pesquisa brasileira, como um todo, avaliada através do ISI, cerca de 40% é realizada na área Médica e três estados (São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) concentram 66% dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq. O número dos Programas de Pós-Graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) cresce a cada dia e ainda devemos lembrar que somos um país que tem em torno de 100 Faculdades de Medicina, das quais 10 estão localizadas no Rio Grande do Sul. Considerando apenas a UFRGS, observa-se a existência de 142 grupos de pesquisa em saúde cadastrados, sendo que a maioria está vinculada à Faculdade de Medicina. Todos esses números indicam um volume crescente de trabalhos que serão encaminhados, tanto para apresentação no Congresso como para a *Revista AMRIGS*, que se afirma como um veículo importante da pesquisa em saúde do Rio Grande do Sul.

Por último, quero, comovidamente, prestar minha mais terna homenagem àquele que foi meu mestre, meu amigo, meu orientador: professor Jorge Escobar Pereira Lima. Tenho orgulho de ter sido sua assistente e de ter podido compartilhar, na Enfermaria 42, da atividade do profissional competente e do ser humano exemplar.

DRA. THEMIS REVERBEL DA SILVEIRA
Editora da *Revista AMRIGS*